

## Marcelina e a morte bucólica: as imagens palpáveis do campo

PAOLA WICKBOLDT FREDES<sup>1</sup>; RENATA AZEVEDO REQUIÃO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – paolawfredes@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo é construído em torno de um pequeno recorte de minha pesquisa poética, desenvolvida ao longo do curso de bacharelado em Artes Visuais, onde investigo os gestos e os objetos da casa, interessada pela casa no campo, a casa do campo e seu entorno, observando a peculiar experiência de vida concebida junto do espaço rural.

Neste semestre, 2024/1, dei início a escrita do trabalho de conclusão de curso sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Azevedo Requião, imersa em minha poética revisito trabalhos elaborados desde o começo da graduação, dentre algumas linguagens, como: objeto, vídeo, instalação. Muito tocada pela experiência tida a partir de visitas recentes à propriedade de meus avós maternos, no interior de São Lourenço do Sul, me proponho a redigir um texto que tem sua tônica em alguns membros de minha família e seu modo de viver, principalmente meus avós.

Trago nessa escrita, então, um curto vídeo produzido recentemente e que leva como título o nome de minha falecida avó paterna, *Marcelina*. Para explorar algumas questões levantadas pelo vídeo, como a morte, a morte e a água, a morte no campo, trago referências visuais e literárias, como a pintura *Ophelia* de John Everett Millais, passagens de *A Água e os sonhos* de Gaston Bachelard, o poema *Ofélia aprende a nadar* de Ana Martins Marques e outros.



Figura 1: Paola Fredes. *Marcelina*, 2024. Vídeo, 1'03".

## 2. METODOLOGIA

*Marcelina* é um vídeo curto, de pouco mais de um minuto, no centro das imagens observamos uma faca cravada na areia de um córrego e tudo que podemos ouvir são ruídos do mato. O único movimento é o da água que, ao mesmo tempo que segue seu rumo, também é cortada pela lâmina. Pelo vídeo não sabemos a quem pertence esta faca, nem como ela foi parar ali. O vídeo mantém esses questionamentos factuais suscitados, e junto disso, caminha a expectativa de resposta que no final nunca aparece. Fiz esse breve registro durante uma de minhas caminhadas na propriedade no interior dos meus avós maternos, estava carregando esta faca para cortar cipós, pois queria aprender a fazer balaios<sup>1</sup>. Por entre as lavouras dessa propriedade foram preservadas áreas onde a vegetação é mais densa e dentre elas correm algumas sangas<sup>2</sup>.

Abaixo de mim, sempre está abaixo de mim, a água.  
É sempre com os olhos baixos que olho para ela. Como o chão, como uma parte do chão, como uma modificação do chão. (PONGE, 2022, p. 42)

Francis Ponge em *O Partido das coisas*, define a água como uma modificação do chão, para quem sempre olha com olhos baixos, eu neste encontro com ela e com a luz que nela se refletia, e os ruídos que de seu simples correr, vi que criaram, naquele instante de tempo, quase um cristal do tempo, com uma atmosfera palpável e paradoxalmente quase etérea. Onde tive o impulso de, com a faca, tentar penetrar esse instante, manipulá-lo como matéria.

Como pontua a artista Paloma Bosquê, a matéria se coloca como um índice do mistério que constitui todas as coisas, ao tentar acessá-lo, a partir do registro em vídeo, me proponho a investigar essas imagens feitas no encontro entre objeto e natureza.

Para mim, a matéria é um índice do mistério que constitui todas as coisas. É como se, a partir do fato palpável, da presença física, pudéssemos ter um canal de acesso a essa outra dimensão mais difícil de nomear e de conhecer, que eu estou chamando de mistério. (BOSQUE, 2022, p. 60)

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gaston Bachelard, no livro *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, ao discorrer sobre as águas profundas sugere que a água seja um convite à morte, "... é um convite à uma morte especial que nos permite penetrar num dos refúgios materiais elementares" (BACHELARD, 1997, p.58). A faca em *Marcelina* (Figura 1), alude à esta morte especial, já que ela se apresenta cravada na areia, partindo continuamente a água rasa do córrego. O vídeo se põe como um convite a testemunhar esse acontecimento.

---

<sup>1</sup> Cesto de palha ou de outros materiais, geralmente grande e redondo, usado para transportar ou guardar objetos.

<sup>2</sup> Pequeno córrego de água, geralmente tem seu início em uma nascente.

Posteriormente, assistindo com mais cuidado, as imagens gravadas me levaram a pensar na pintura *Ophelia*, de John Everett Millais, pintura na qual o artista representa a personagem da peça de William Shakespeare, *Hamlet*. Na pintura observamos uma mulher, Ophelia, deitada num corpo d'água fundo o bastante para a mesma boiar, vestida de um longo e pesado vestido cinza, que em partes se confunde com a água, o tecido molhado do vestido imita a correnteza. Sobre seu corpo estão postas várias flores, fazendo dela quase uma ninfa, seus braços abertos, com as palmas viradas para cima e seu semblante tranquilo, como quem escolhe seu fim. Assim como *Ophelia*, *Marcelina* aponta para um mesmo destino, a morte, melancolicamente se põem ambas juntas destes corpos de água em movimento onde ali encontram seu fim.



Figura 2: John Everett Millais. *Ophelia*, 1851. Óleo sobre tela, 111,8 x 76,2cm.

Diferentes destas, a Ofélia do poema de Ana Martins Marques, como coloca o título, aprende a nadar e sai andando para fora d'água. Em *Ofélia aprende a nadar* a mulher que Ana descreve no rio caí em si e sai da melancolia do amor complicado, neste trecho chamo atenção para a alusão de Ofélia ser criatura da água, algo que também observo na mulher retratada pelo pintor John Everett Millais e seu vestido que se junta ao corpo d'água. Em *Marcelina* (Figura 1), acontece algo como a tomada de lugar pelo objeto, que insinua um estado de pertencimento, de marcação, a faca empunhada que crava o chão carrega em si uma força de insistência.

cantando  
canções antigas

com os cabelos entrelaçados aos juncos  
e aos nenúfares

como se tivesse nascido ali  
como se fosse criatura  
daquele elemento

(somos nós mesmos piscinas  
lagos ou charcos  
reservatórios onde águas  
se debatem)  
(...)

(MARQUES, 2021, p.38)

Com o título *Marcelina* procuro trazer essa figura feminina para junto dessa vontade de pertencimento, de uma presença obstinada. Nome também de minha avó paterna, uma mulher que mesmo tendo conhecido e convivido, pouco compreendo, mas tenho dela a figura de uma mulher forte apesar das dificuldades impostas pela vida no campo e a criação dos seus sete filhos, se manteve ereta. Ela existe em minha memória como essa faca cravada na areia molhada, pela qual possuo interesse e um certo respeito por como se coloca no mundo. Talvez ao colocá-la ao lado de *Ophelia* consiga entender o mundo que a cercou e que após sua morte seguiu, como a água rasgada pela lâmina.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao tomar como trabalho um registro feito em uma de minhas caminhadas na propriedade de meus avós, acredito que começo a me inserir em um novo momento de meu processo criativo, que talvez tenha menos seu chão em criar narrativas mas, mais em reconhecê-las em seu encontro.

Trazendo o nome de minha avó como título, quero dar início ao movimento de inserção dessas mulheres em minha produção visual, dar novo significado, insistir em novas lembranças, enrijecendo seus corpos em minha memória, como monumentos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOSQUE, P. et al. **Matéria**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

MARQUES, A. M. **Risque esta palavra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

PONGE, F. **O Partido das coisas**. São Paulo: Iluminuras, 2022.